

Curitiba, 7 de maio de 2019.

NOTA À IMPRENSA

Pelo segundo mês consecutivo, custo da cesta básica aumenta em todas as capitais

Em abril de 2019, o custo do conjunto de alimentos essenciais subiu em todas as capitais, conforme mostra o resultado da Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos, realizada mensalmente pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) em 18 cidades. As altas mais expressivas ocorreram em Campo Grande (10,07%), São Luís (7,10%), Aracaju (4,94%) e Vitória (4,77%).

A capital com a cesta mais cara foi São Paulo (R\$ 522,05), seguida pelo Rio de Janeiro (R\$ 515,58) e Porto Alegre (R\$ 499,38). Os menores valores médios foram observados em Salvador (R\$ 396,75) e Aracaju (R\$ 404,68).

Em 12 meses, entre abril de 2018 e o mesmo mês de 2019, todas as cidades tiveram alta, as mais expressivas em Campo Grande (30,17%), Recife (25,19%) e João Pessoa (22,78%). A menor taxa acumulada foi anotada em Florianópolis (13,02%).

Nos primeiros quatro meses de 2019, todas as cidades apresentaram alta acumulada, com destaque para Vitória (23,47%), Recife (22,45%) e Natal (20,12%). O menor aumento foi registrado em Florianópolis (5,35%).

Com base na cesta mais cara que, em abril, foi a de São Paulo, e levando em consideração a determinação constitucional que estabelece que o salário mínimo deve ser suficiente para suprir as despesas de um trabalhador e da família dele com alimentação, moradia, saúde, educação, vestuário, higiene, transporte, lazer e previdência, o DIEESE estima mensalmente o valor do salário mínimo necessário. Em abril de 2019, o salário mínimo necessário para a manutenção de uma família de quatro pessoas deveria equivaler a **R\$ 4.385,75**, ou 4,39 vezes o mínimo de R\$ 998,00. Em março de 2019, o piso mínimo necessário correspondeu a R\$ 4.277,04, ou 4,29 vezes o mínimo vigente. Já em abril de 2018, o valor necessário foi de R\$ 3.696,95, ou 3,88 vezes o salário mínimo, que era de R\$ 954,00.

TABELA 1
Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos
Custo e variação da cesta básica em 18 capitais
Brasil – abril de 2019

Capital	Valor da cesta	Variação mensal (%)	Porcentagem do Salário Mínimo Líquido	Tempo de trabalho	Variação no ano (%)	Variação em 12 meses (%)
São Paulo	522,05	2,54	56,86	115h05m	10,74	20,07
Rio de Janeiro	515,58	3,88	56,15	113h39m	10,46	17,16
Porto Alegre	499,38	4,14	54,39	110h05m	7,46	16,06
Vitória	498,54	4,77	54,30	109h54m	23,47	21,65
Campo Grande	492,55	10,07	53,65	108h35m	16,48	30,17
Brasília	487,02	2,54	53,04	107h22m	11,75	21,06
Florianópolis	482,30	1,74	52,53	106h19m	5,35	13,02
Curitiba	461,91	4,07	50,31	101h49m	10,23	17,22
Fortaleza	459,20	3,16	50,01	101h14m	15,57	21,17
Belo Horizonte	456,91	3,08	49,76	100h43m	11,79	21,33
Goiânia	445,28	2,73	48,50	98h10m	14,51	21,72
São Luís	423,66	7,10	46,14	93h23m	19,88	22,68
Belém	423,17	3,55	46,09	93h17m	10,69	15,56
Recife	417,03	3,91	45,42	91h56m	22,45	25,19
João Pessoa	412,27	2,97	44,90	90h53m	19,43	22,78
Natal	410,10	2,78	44,67	90h24m	20,12	21,45
Aracaju	404,68	4,94	44,08	89h13m	12,80	18,19
Salvador	396,75	3,77	43,21	87h28m	15,39	21,92

Fonte: DIEESE

Obs.: A partir de maio, a coleta da cesta básica será interrompida em São Luís

Cesta básica x salário mínimo

Em abril de 2019, o tempo médio necessário para adquirir os produtos da cesta básica foi de 100 horas e 32 minutos e, em março, a jornada foi calculada em 96 horas e 42 minutos. Em abril de 2018, quando o salário mínimo era de R\$ 954,00, o tempo médio foi de 87 horas e 21 minutos.

Quando se compara o custo da cesta e o salário mínimo líquido, ou seja, após o desconto referente à Previdência Social, verifica-se que o trabalhador remunerado pelo piso nacional comprometeu, em abril, 49,67% da remuneração para adquirir os produtos. Esse percentual foi superior ao de março, quando ficou em 47,78%. Em abril de 2018, quando o salário mínimo valia R\$ 954,00, a compra demandava 43,16% do montante líquido recebido.

Entre março e abril de 2019, os produtos cujos preços apresentaram tendência de alta foram o tomate, a banana, a carne bovina de primeira e o pão francês. Já as cotações do feijão e do arroz tiveram redução média de valor na maior parte das cidades.

O preço do quilo do tomate aumentou em todas as capitais entre março e abril. As taxas variaram entre 15,24%, em Fortaleza, e 77,90%, em Campo Grande. Em 12 meses, as altas acumuladas oscilaram entre 41,33%, em Florianópolis, e 133,62%, em Campo Grande. O fim da safra de verão explicou o aumento do tomate em todas as cidades. Além disso, observou-se baixa qualidade do fruto, devido ao clima chuvoso, o que elevou a cotação daqueles com melhor aparência.

A dúzia da banana aumentou em 14 cidades e diminuiu em outras quatro. A pesquisa coleta os tipos prata e nanica e faz uma média ponderada dos preços. As altas mais expressivas foram registradas em Campo Grande (18,06%), Recife (12,57%), Salvador (8,19%) e João Pessoa (6,87%). As retrações ocorreram em Belo Horizonte (-3,62%), Brasília (-2,34%), Fortaleza (-1,38%) e Natal (-1,30%). Em 12 meses, o quilo da banana subiu em 14 cidades, com destaque para as variações de Campo Grande (31,65%), João Pessoa (18,57%) e Vitória (18,18%). Houve queda do preço médio em quatro cidades, as mais intensas anotadas em Natal (-12,62%) e Goiânia (-10,87%). Menor oferta da banana prata e nanica explica a elevação do preço médio nas capitais.

O preço do quilo da carne bovina de primeira aumentou em 12 cidades e diminuiu em seis. As altas variaram entre 0,30%, em Florianópolis, e 2,74%, em São Luís. A redução mais intensa foi registrada em Campo Grande (-1,72%). Em 12 meses, o produto teve alta nas 18 cidades - entre 1,19%, em Belém, e 11,91%, em Goiânia. O elevado volume de exportação, a oferta restrita e a firme demanda foram responsáveis pelo aumento do preço da carne bovina na maior parte das capitais.

O preço médio do quilo do pão francês aumentou em 12 cidades, ficou estável em Belém e diminuiu em outras cinco capitais. As altas variaram entre 0,31%, em Recife, e 2,77%, em Aracaju. Merece destaque a redução no valor médio do quilo em João Pessoa (-2,44%). Em 12

¹ Fontes de consulta: Cepea - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP, Unifeijão, Conab - Companhia Nacional de Abastecimento, Embrapa, Agrolink, Globo Rural, artigos diversos em jornais e revistas.

meses, o preço aumentou em todas as cidades, com taxas entre 2,12%, em Curitiba, e 15,68%, em Brasília. A cotação do trigo influenciou o valor da farinha, principal insumo do pão francês.

O preço médio do feijão diminuiu em 18 capitais em abril de 2019. O tipo carioca, pesquisado nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, em Belo Horizonte e São Paulo, teve o preço médio reduzido entre -17,45%, em Belém, e -0,86%, em Campo Grande. Já o feijão preto, pesquisado nas capitais do Sul, em Vitória e no Rio de Janeiro, apresentou queda de valor entre -1,30%, em Curitiba, e -8,04%, em Porto Alegre. Em 12 meses, o preço médio do grão carioca acumulou alta, acima de 100%, em todas as capitais: as taxas variaram entre 112,66%, em Salvador, e 146,84%, em São Luís. As variações acumuladas do tipo preto também foram positivas, mas em patamares menores: entre 31,66%, em Porto Alegre, e 71,25%, em Vitória. A demanda pelo grão carioca foi menor, devido aos altos preços, uma vez que o consumidor buscou substituí-lo por outro similar. E a redução do preço do feijão preto seguiu o comportamento do carioca.

O quilo do arroz branco diminuiu em 12 cidades, ficou estável em Recife e Salvador e aumentou em quatro capitais. As quedas mais expressivas foram as de Florianópolis (-16,15%) e Porto Alegre (-4,01%). As maiores altas ocorreram no Rio de Janeiro (1,34%) e em Belo Horizonte (1,09%). Em 12 meses, o preço do arroz subiu em 17 cidades, exceto em Florianópolis (-3,27%), e as elevações variaram entre 1,71%, em Curitiba, e 25,34%, em Belém. A fraca demanda influenciou o preço do arroz no varejo.

Curitiba

Em abril de 2019, a Cesta Básica de Curitiba calculada pelo DIEESE apresentou variação de 4,07%, sendo o sexto maior aumento entre as dezoito capitais que tiveram aumento de preços, passando de R\$ 443,86 para R\$ 461,91. Deste modo, a capital paranaense teve o oitavo maior valor entre as capitais pesquisadas. Em 12 meses (comparação de abril de 2019 com abril de 2018), a variação foi de 17,22% e no ano de 2019 (comparação de abr/2019 com dez/2018) teve aumento de -10,23%.

O custo da ração alimentar essencial mínima para uma família curitibana (1 casal e 2 crianças), foi de R\$ 1.385,73 (hum mil trezentos e oitenta e cinco reais e setenta e três centavos) sendo necessários 1,39 salários mínimos somente para satisfazer as necessidades do trabalhador e



sua família com alimentação no mês de abril de 2019. A cesta básica teve um custo mensal de R\$ 461,91, tendo um custo diário de R\$ 15,40.

Em abril de 2019, o trabalhador curitibano remunerado pelo salário mínimo comprometeu 101 horas e 49 minutos de sua jornada mensal para adquirir os gêneros essenciais, tempo superiores às 97 horas e 50 minutos exigidas em março de 2019. Quando se compara o custo da cesta e o salário mínimo líquido, ou seja, após o desconto referente à Previdência Social, a relação passou de 48,34% em março de 2019 para 50,31% em abril de 2019.

No ano, a cesta básica de Curitiba apresenta uma variação de 10,23% sendo a terceira menor variação entre as capitais pesquisadas. Na comparação anual (mesmo mês do ano anterior), a cesta básica de Curitiba teve aumento de 17,22%, sendo a quinta menor alta entre as dezoito capitais pesquisadas.

Dos 13 produtos pesquisados, oito registraram alta em abril de 2019 em relação a março de 2019: o tomate (22,16%), a batata (12,62%), a banana (5,84%), a farinha de trigo (2,82%), o óleo de soja (1,51%), a manteiga (1,46%), a carne (1,03%) e o açúcar (0,93%). Por outro lado, cinco itens tiveram queda: o Arroz (-2,86%), o feijão (-1,30%), o pão francês (-0,69%), o leite (-0,30%) e o café (-0,10%).

Em 12 meses, onze produtos apresentam aumento: a batata (101,67%), o feijão preto (58,33%), o tomate (48,31%), a farinha de trigo (23,77%), a manteiga (15,02%), o leite (9,20%), a carne (8,52%), a banana (8,14%), o óleo de soja (6,60%) o pão francês (2,12%) e o arroz (1,71%). Por outro lado, dois produtos acumulam queda: o café (-6,52%) e o açúcar (-1,80%).